



grito rural

EDIÇÃO DOS MOVIMENTOS
RURAIS DA REGIÃO OESTE

ACR • JARC • ACN

VOZ
DO MUNDO
RURAL
PELO SEU
DESENVOLVIMENTO

ANO XXXV - N.º 372/280
JANEIRO 2019

EDITORIAL

Por:
Jacinto Filipe

Boas entradas

Estas são as mensagens que mais são endereçadas às pessoas que encontramos e aos familiares e amigos e nesses desejos são explicitados geralmente votos de boa saúde, muito amor e muita paz e que o dinheiro não falte na carteira. Nestas palavras de "boas entradas" que endereçamos aos amigos e aos vizinhos, não deixam de estar também refletidos, como é evidente, iguais desejos para nós próprios. A questão que nos deve interpelar tem muito a ver com o empenhamento e com a verdade que pomos nos desejos que endereçamos aos outros e da forma como os podemos concretizar, pois se assim não for de que servem as palavras bonitas e as boas intenções?

A verdadeira felicidade só é possível alcançar quando nos focamos, sobretudo, nos outros e não em nós próprios, porque é levando a alegria aos demais que rapidamente alcançamos a nossa própria felicidade e a verdadeira alegria de viver. Quando nos fechamos sobre nós mesmos tornamo-nos naqueles eternos insatisfeitos que só vêm a vida pela janela da desgraça e do pessimismo, perspectivas essas que só alimentam a inveja e o ódio e endurecem o nosso coração. É que a inveja cria em nós uma tal dose de insatisfação que apaga todas as hipóteses reais de felicidade e de alegria, pois só nos deixa ver aquilo que não temos e não nos permite ver e apreciar o muito que possuímos; a inveja mata a nossa felicidade e tira-nos a alegria do rosto. Mesmo perante as dificuldades e as adversidades da vida é possível cultivar a alegria, acreditando sempre que à fúria da tempestade sucede sempre a bonança e que é pela aceitação da realidade que somos capazes de trilhar o caminho da mudança. A compaixão e o perdão, que para muitos podem significar covardia e fraqueza, são gestos de amor e de paz que nos libertam das dores do passado e nos abrem caminhos de verdadeira felicidade.

Será que todos nós estamos conscientes de que também nos cabe a nós próprios o assumir de alguns dos compromissos relacionados com a mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz deste novo ano de 2019? É que a PAZ não depende só das grandes potências mundiais e dos políticos, ela constrói-se no coração e no querer de cada um de nós.



ANO MISSIONÁRIO

2019 é o Ano Missionário: «*Todos. Tudo e Sempre em Missão*». É preciso lavar a terra antes de semear. Temos de sair. Implica movimento, abertura e encontro. Mas somos “*peregrinos*” que dispomos apenas do “cajado e das sandálias”. A missão tem um centro e tem um rosto: dois pontos que definem o “**Estilo missionário**”. O centro da missão é **Jesus**; e o seu rosto é o **discípulo** que escuta a Palavra, presença amiga e libertadora.

Leia:

- * **Economia Circular** pag. II
- **Leitura «Livro da Alegria»** pag. II
- **Fundação João XXIII** pag. IV
- **Jantar do Natal** pag. IV
- **Encontro “De volta a Casa”** pag. IV
- **Universalizar a Salvação** pag. IV

- * **Um amigo inesquecível** pag. III



ENCONTRO de APROFUNDAMENTO de FÉ 10 de Março 2019 - Casa do Oeste

Tema:

**"FORMAR PARA UMA
ECOLOGIA INTEGRAL"**

Para Animadora: a **Dra
Manuela Silva**

Programa: Começa pelo Acolhimento às 09.15, seguindo-se a Oração da manhã às 9.30 h, prosseguindo com desenvolvimento da temática: **sobre a formação de uma ecologia ecológica**, em que se vai abordar o desenvolvimento do Homem na sua vertente cultural, económica, social e espiritual, fomentando um compromisso

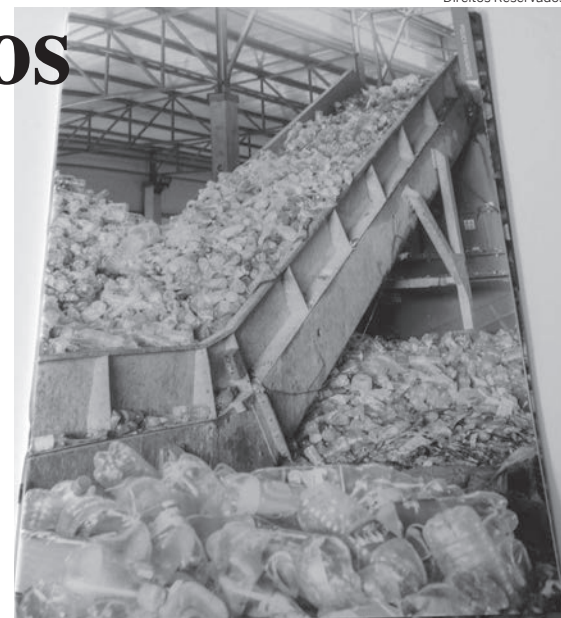
ecológico:

- educando para a sobriedade para que se possa conservar a Mãe Terra;

- sensibilizando para uma distribuição mais justa dos bens; educar para os valores da amizade, da verdade, honestidade, solidariedade, tolerância.»

Haverá pausas intercalares para café e para o almoço, também **Trabalho de Grupos** que culminará com Plenário e Conclusões, da parte da tarde, sendo a Eucaristia às 17.00 h.

Economia Circular Preparados para esta caminhada? - conclusão



A - Recursos naturais e produção industrial

No modelo atual, toda a economia está baseada no uso de combustíveis fósseis e de recursos naturais sensíveis. A produção industrial vive da exploração intensiva de matérias-primas, orientada para o consumo massificado com posterior deposição dos excedentes em aterro sanitário. Florestas exuberantes e terras férteis tornam-se estéreis e poluídas em dois tempos.

Qual será então o cenário em ambiente de economia circular?

Os produtos têm que ser concebidos para ciclos de vida longa. Até mesmo os que são considerados descartáveis terão novos usos, retomando o novo roteiro dos três Rs (redução, reutilização após atualização e reparação de muitos dos produtos considerados obsoletos e residualmente a reciclagem).

A indústria e a agricultura, com a ajuda das novas tecnologias e da automação, deixarão de produzir subprodutos desnecessários. Os resíduos e materiais sobrantes, não serão lixo, mas matéria-prima consistente.

Os investimentos passarão a ter em conta os ecossistemas e os limites de carga adequados para os diversos habitats naturais e espécies.

B - Transportes

O que vemos hoje são estradas congestionadas com veículos, transportando frequentemente uma única pessoa e consequentemente um ambiente muito poluído.

Os carros elétricos continuam caros e pouco acessíveis. Os sistemas públicos são complexos, caros e concentrados nos grandes centros urbanos.

O uso da bicicleta é baixo entre nós. Andamos pouco a pé, mas passamos o tempo em ginásios.

Como será a mobilidade em economia circular?

Com o apoio das tecnologias de comunicação, está mais facilitado, sobretudo nos centros urbanos, o acesso a diversas possibilidades de transporte. A posse de viatura não será essencial, enquanto a partilha de veículos não poluentes e de qualidade será uma opção mais cómoda e económica. Novos materiais permitirão a produção de veículos e infraestruturas de transportes mais eficientes. As acessibilidades serão amigas do caminhante, do ciclista e dos cidadãos, possibilitando outras formas mais leves de mobilidade.

C - Alimentação e estilos de vida

A utilização dominante de combustíveis fósseis para a produção de energia, acelerou o aquecimento global, com consequências graves na produção alimentar e saúde pública.

A produção intensiva de alimentos, associada às alterações climáticas, agravou o esgotamento dos solos com a consequente diminuição da produção. Os países pobres são os mais afetados.

As cidades concentram cada

vez mais população, ocupando zonas rurais periféricas e a construção não utiliza os materiais locais disponíveis, reutilizáveis e pouco intensivos em carbono.

Poderá o futuro ser diferente? Será que a Luana ainda me acompanha?

As comunidades passarão a utilizar energias renováveis produzidas, distribuídas e armazenadas localmente.

A produção alimentar será suficiente, sendo dada especial atenção aos produtos locais num contexto de produção inovadora. O uso do solo será equilibrado. O desperdício alimentar tem de ser reduzido, a começar em nossas casas, dando lugar a hábitos responsáveis.

Os materiais de construção característicos de cada região serão os mais utilizados na construção. É urgente a reutilização do cimento, ferro e alumínio.

D - Plásticos

A produção do plástico tem sido feita a partir de materiais fósseis não renováveis. As embalagens são quase sempre de utilização única, tipo usar e deitar fora. Os oceanos estão repletos de materiais de origem plástica, o que afeta toda a vida marinha. Continuam a crescer pilhas de lixo, ocupando terras com boa aptidão agrícola.

A reutilização de produtos e embalagens é a norma e não a exceção. Os plásticos serão reutilizados ou reciclados e não abandonados. A produção de embalagens será feita a partir de matérias-primas recicladas. Também será viável a utilização de materiais alternativos para produção de

plásticos de origem biológica. Os oceanos e a terra ficarão livres de resíduos de plástico.

Continuamos?

E - Capacidades

O que temos hoje é o desemprego que afeta fortemente os jovens, com consequente perda de capacidades humanas, tendo em conta as exigências do mercado de trabalho.

A educação ainda é um privilégio e baseia-se em percursos pouco flexíveis e limitados, sem abertura a novos saberes.

Os pobres e mais vulneráveis, são considerados um fardo e continuam a ser vítimas de discriminação e preconceitos.

O que podemos fazer?

A educação vai ser entendida como um caminho de aprendizagem ao longo da vida. A sociedade tem que reconhecer as diferentes especialidades e capacidades. O ambiente de economia circular será propício ao trabalho digno, com objetivos ambiciosos e profundos, respeitando os anseios e sonhos de cada um e não a simples obtenção de rendimentos e lucros.

As escolas e demais organiza-

ções estarão comprometidas com itinerários orientados para a diversidade, a poupança de recursos e o bem comum.

A aprendizagem, será uma viagem cheia de aventuras, cultivando a inclusão e uma visão multidisciplinária.

É crucial o contributo da inovação e investigação orientadas para novas áreas do conhecimento.

Em conclusão:

A nossa vida quotidiana será orientada, cada vez mais, para o uso de serviços partilhados, alugados, colaborativos e não tanto para a produção e a posse de bens.

Retomaremos o espírito frugal dos nossos antepassados, deixando às nossas crianças um modo de vida pleno de esperança, em que trabalharemos juntos e sem preconceitos para descobrir e experimentar novos caminhos e soluções limpas e fáceis de usar. Os resíduos e excedentes deixarão de ser lixo, mas antes um recurso que contribuirá para um modo de vida sustentável, inteligente e inspirado para o bem da nossa Casa Comum, que é o mundo.

Manuela Ludovino

FICHA TÉCNICA

Director

Jacinto Duarte Filipe

Equipa Responsável

Jacinto Duarte Filipe
Cristiana Palma (JARC)
Rosália Batalha (ACR)
Dália Miranda (Adm.)
João Gamboa (Porta Voz)
P. Joaquim Batalha

CASA DO OESTE

Ribamar
Av. 25 de Abril, 13
2530-627 RIBAMAR LNH
Telef.: 261 422 790
Fax: 261 422 790
E-mail: casadooeste@sapo.pt
E-mail: grito.rural@alvorada.pt



CASA DO OESTE
FUNDAÇÃO
JOÃO XXIII

Sugestão de Leitura: 'Livro da Alegria'

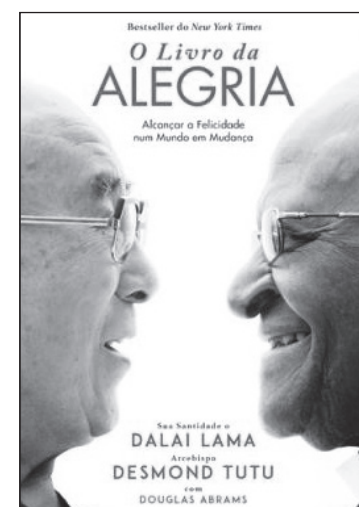
Dalai Lama, líder espiritual do Budismo do povo Tibetano, exilado na Índia, depois da acupação chinesa do Tibete e o Arcebispo emérito da África do Sul, Desmond Tutu, proeminente líder da luta pela Justiça e pela Reconciliação nacional do seu país, encontraram-se durante uma semana na cidade Indiana de Dhermasala para partilharem os seus pontos de vista e a sua enorme sabedoria, acompanhados pelo jornalista, escritor e agente literário Douglas Abrams. Desse encontro de dois homens galardoados com o Prémio Nobel da Paz em 1989 e 1984, sai um livro, que recomendamos que o leiam, intitulado o 'Livro da Alegria', da Editora Nascente.

Num Mundo em constante sofrimento como encontrar a ale-

gria? Esta é a grande questão que temos pela frente e à qual estes dois homens de crenças e espiritualidade convictas se propuseram responder. Ambos viveram vidas difíceis e repletas de sofrimento, mas foram capazes de descobrir a paz, a coragem e a alegria e esse seu testemunho de fé e de acertivas convicções inspiram milhões de pessoas em todo o mundo. Neste livro é muito salientado que a felicidade duradoura não reside no ter na fortuna nem na fama, mas reside apenas na mente e no coração humanos e é aí que a conseguiremos alcançar.

O mundo precisa mais do que nunca de alegria e de compaixão. Acreditar que é possível sentir a alegria, mesmo nas circunstâncias mais difíceis da vida, é a grande

mensagem destes dois homens. Eles dizem mesmo que a nossa maior alegria acontece quando procuramos fazer bem aos outros. Estamos programados para cuidar e sermos generosos com os outros porque esse é o verdadeiro sentido da vida; quando nos fechamos sobre nós mesmos e só vemos os nossos interesses, murçamos porque não conseguimos interagir e o isolamento é um castigo horrendo. A história daquela mãe que, no tempo do Apartheid, passa pelo sofrimento por ver um filho seu assassinado e, algum tempo depois, é capaz de perdoar ao responsável pela sua morte, é um gesto de compaixão tão nobre que não existem palavras para o classificar. O livro tem 334 páginas mas todas elas têm valiosos conteúdos.



Título: 'Livro da Alegria'
Autor: Douglas Abrams.
Editora: Editora Nascente.

Um amigo inesquecível, apaixonado segundo Jesus Cristo!

1. Vilacondense com a nostalgia umbilical do mar, de que nunca se desprende e lhe inspirou ânsias de partir... Engenheiro agrónomo - e, como à época se dizia, tomado por uma vocação tardia -, foi ordenado Presbítero da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana, pela graça de Deus e pelas mãos do então Arcebispo de Lisboa - o Cardeal-Patriarca Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira: José Miranda Magalhães - sorriso aberto, cabelo escasso, óculos cristalinos e espessos, sem aros, um rosto redondo, sem sombras; verbo espontâneo, de acento minhoto firme e preciso, por vezes cortante; apaixonado, vibrante, despojado, frugal; sedento do concreto, impaciente com as meias-tintas, apóstolo da amizade e da entrega sem limites; intolerante com a injustiça e quase agressivo face à opressão sobre os mais frágeis e desprotegidos. - Um espírito aberto e livre, um homem de Deus: um grande Amigo!

Conheci o Padre Magalhães aos meus dezoito anos, e era, então, militante da JUC. Porque nasci e respirei o ar livre da vasta planura das terras de entre Tejo e Sado, entre paisagens de vinhas, paus de arroz, montado e lezíria, e fui, aos dez anos de idade, constrangido ao espartilho de um bairro operário - pois estava ali a mais próxima das duas Escolas Industriais e Comerciais do imenso distrito de Setúbal - precisamente a 'Alfredo da Silva', no Barreiro, onde estudei, desde muito cedo fui confrontado com duas das então mais duras experiências da vida: a agricultura num grande latifúndio e a indústria química numa das maiores concentrações industriais à escala europeia - num e noutra caso com o recurso predominante à intervenção humana directa no desempenho das muitas vezes violentas operações de produção.

2. Quis Deus que, num domingo de fim do verão de 1961, um grande grupo de jovens da Quinta do Anjo, freguesia do meu concelho de Palmela, tivesse escolhido o monte de Rio Frio - onde nasci e onde passava todos os fins de semana da minha vida de trabalhador-estudante -, para uma actividade de convívio e partilha com a juventude da minha terra. O dinamizador do encontro era o Sebastião Fortuna. (Os mais antigos militantes da saudosa JAC

não deixarão de o recordar como figura exemplar de amigo, cristão e apóstolo). E como o contacto do grupo da Quinta do Anjo em Rio Frio era precisamente a minha querida e falecida irmã, Maria Leopoldina - foi através dela que conheci o Sebastião Fortuna: foi ele quem, pela primeira vez, me falou do Padre José Magalhães, e quem, a este, falou de mim.

Para encurtar razões, vi-me, poucas semanas depois, no 5º andar do nº 132, que já não existe, da Avenida Miguel Bombarda, em Lisboa. Ali funcionava a sede da Direcção Diocesana da Juventude Agrária Católica, a que presidia o João José Gamboa. Era um prédio já antigo, mas com elevador e seis ou sete assoalhadas: uma delas, adaptada a capela; outra, a sala de reuniões, e as restantes a quartos: um deles foi o meu, durante quase três anos. Nos restantes, dormiam o Gamboa, o Maçarico, o Manuel Aquino e o João Luís.

Num repente, conquistado pelo Padre Magalhães, vi-me por ele inventado como primeiro dirigente livre da JAC e da Acção Católica, tentando, simultaneamente, prosseguir os meus estudos. De 'explicador', 'desenhador à hora', na Sacor, e pagando as refeições na cantina da Associação de Estudantes do Técnico com o trabalho de copista na secção de folhas, passei a militante itinerante do extenso território do Patriarcado de Lisboa: que incluía, à época, para quem não sabe ou já esqueceu, a geografia da actual Diocese de Lisboa e as das actuais Dioceses de Santarém e de Setúbal. - Era obra!

3. O testemunho humano do meu convívio apostólico com o Padre Magalhães não é transmissível. Direi, simplesmente, que transformou a minha vida: bebi, como se fora uma iluminação, a veemência do seu discurso - profundamente evangélico! - sobre as razões da pobreza; aprendi da homilia constante da sua impaciência perante as injustiças e do despojamento amoroso pelas comodidades comuns a que chamamos conforto, a alegria de partilhar com júbilo a profundidade das coisas simples da vida. - E assim me iniciou na compreensão da advertência nuclear de Jesus: «Quero misericórdia e não sacrifício» (Mt. 12,7). Guardo-a até hoje como a mais perfeita síntese da catequese do Filho de Deus Incarnado!

Foi tempo de Concílio - o Vaticano II, nascido da santa inspiração do nosso amado S. João XXIII -, o tempo intenso da minha intimidade apostólica com o Padre José Magalhães. Na residência da Rua da Belavista, à Lapa, habitava, à época, um notável elenco de sacerdotes - quase todos assistentes diocesanos dos vários movimentos da Acção Católica: Pe. Serrazina, das Equipas de Casais de N.ª Senhora, o Pe. Mafra, da JEC, o Pe. Zé Carlos, da JOC, o Pe. Magalhães, da JAC, o Pe. Sebastião Lerenó Dias e ainda alguns outros cujo nome já não recordo. Das muitas refeições que ali partilhei - privilégio que não me canso de agradecer a Deus, porque todos opinavam livremente, com todos muito aprendi e todos me aceitavam como irmão - guardei memória dos julgamentos, comentários, até de alguns esboços de discussão a propósito das notícias que iam chegando das sessões do Concílio. O Pe. Magalhães, seguramente o mais apaixonado de todos eles, vivia os acontecimentos como uma nova Epifania na Igreja, exuberante e extrovertido como era da sua natureza.

4. Não obstante o fervor e a excitação que percorria toda a Igreja naqueles dias, os tempos de oração e contemplação eram vividos na JAC com entusiasmo e devoção - mas, sobretudo, com uma inexcedível dose de esperança. O Padre Magalhães era, como sempre, a alma desta referência permanente.

A Direcção Diocesana de Lisboa a que, entretanto, passei a presidir, desdobrava-se numa actividade intensa de conquista de adesões, multiplicação de núcleos e criação de novas secções. Sucederam-se as semanas em que a minha actividade apostólica era praticamente exclusiva - e tudo isto, que demandava empenho e trazia muito cansaço, também exigia a disponibilidade de recursos financeiros que excediam largamente a capacidade da mera quotização dos militantes. Houve que recorrer, pois, ao apoio de instituições públicas e privadas ligadas ao mundo rural. O Pe. Magalhães foi, mais uma vez, o eixo da campanha de obtenção dos contributos financeiros que permitiram a concretização do nosso projecto de presença no imenso território do Patriarcado e exigiram um esforço muito duro e prolongado.



Direitos Reservados

Com a 'ajuda' do nosso 'dois cavalos' castanho de saudosa memória.

5. O culminar deste esforço de expansão da JAC no Patriarcado de Lisboa teve lugar em Rio Maior, em 1963 e foi seguramente o acontecimento público mais relevante do apostolado rural até então realizado no nosso país: a Taça da Alegria!

À vila de Rio Maior afluíram mais de dois mil jovens do universo rural do Patriarcado, militantes e não militantes da JAC. Os objectivos eram o convívio, a oração e a partilha; os pretextos foram a competição desportiva, a dança e os cantos populares; a alma foi o Padre José Magalhães. A Missa campal - que transbordou o espaço amplo e fronteiro às instalações das Indústrias NOBRE - congregou, para além de uma multidão de jovens, a ostensiva vigilância quer da GNR quer de muitos adultos curiosos e não identificados...que não se cansaram de colher fotografias. Era assim, então.

6. Os «Retiros», no Santuário dos Remédios, e os «Campos de Férias», no Seminário de Almada, foram tempos de pausa, de oração, mas igualmente de convivência e amizade absolutamente ines-

quecíveis. Também aí o Padre Magalhães jamais deixou de ser o irmão, o confidente, o sacerdote, o amigo atento, disponível e sempre alegre que sabia transformar até os momentos mais densos e silenciosos em oportunidades de saudável convivência e amizade.

E de tal modo respeitava a autonomia dos leigos no âmbito da sua actividade apostólica organizada, que jamais registei qualquer intervenção sua, em matéria que não fosse do âmbito da doutrina, em nenhuma das raras vezes em que esteve presente em reuniões formais dos órgãos estatutários nacionais da Acção Católica.

Desejo registar, finalmente, que foi da sua exclusiva iniciativa a proposta, devidamente justificada por razões de ordem socioeconómica, e aprovada em reunião da Direcção Diocesana a que presidi, de alteração da designação do nosso movimento JAC - Juventude Agrária Católica, para JARC - Juventude Agrária e Rural Católica.

Que Deus guarde o nosso querido Amigo e Padre José Miranda Magalhães na Sua Santa Glória!

T.V., 26.12.2018

José de Oliveira Guia

EM MEMÓRIA DO AMIGO JOSÉ MIRANDA MAGALHÃES

Nasceu em Vila do Conde há 86 anos.

Depois de formado como engenheiro agrónomo, entrou no Seminário dos Olivais em 1955... tendo sido ordenado padre em 1960.

Foi coadjutor do Pe Felicidade Alves, em Belém, durante 2 anos.

Em 1963 é nomeado assistente da JAC e JACF do Patriarcado e posteriormente da LAC, LACF substituindo o Pe José M. Serrazina. Foi assistente diocesano da JARC e da ACR durante 9 anos tendo sido substituído pelo Pe Joaquim Batalha em 1972.

Parte para o Brasil pobre e rural, tendo colaborado na diocese de D. Helder da Câmara durante 2 anos e convivido com os militantes do Movimento dos Sem Terra, tomando contacto com a teologia da libertação, acreditando que a Igreja é - pode ser - um espaço de libertação e de criação do tempo novo.

De regresso a Portugal assumiu um percurso de intervenção cívica e laical, tendo trabalhado profissionalmente no Instituto de Emprego e Formação Profissional.

Era membro fundador da Fundação João XXIII-Casa do Oeste.

FUNDAÇÃO JOÃO XXIII - CASA DO OESTE Conselho de Fundadores

No dia 8 de dezembro passado, reuniu na Casa do Oeste, o Conselho de Fundadores da Fundação João XXIII-Casa do Oeste. Os principais pontos de ordem deste Conselho eram a apresentação do Plano de actividades e o Orçamento que suporta o mesmo. No início e ainda no período de informações, o Conselho de Administração leu uma carta sobre o falecimento de José Miranda Magalhães, fundador e antigo Assistente eclesiástico dos movimentos agrários da Ação Católica e que iria ser enviada à família. Ainda neste ponto de informações o Conselho de Administração alertou que o mandato do mesmo está a terminar,

pelo que os fundadores terão de pensar em nomear uma nova equipa para os próximos quatro anos.

Do Plano de actividades para o ano de 2019 destacamos: O apoio da Fundação às actividades desenvolvidas pelos movimentos, ACR, JARC e às acções de solidariedade com a Guiné; concretizar acções na Casa do Oeste que revelem e dêem a conhecer o espírito da Ação Católica, realizar obras de melhorias e manutenção da casa, continuar a diminuir os empréstimos contraídos para a edificação do novo edifício. No capítulo de obras de melhoria e manutenção está previsto a alteração dos balneários da camarata para uma melhor resposta às necessidades dos utilizadores da

mesma. De salientar ainda no plano de actividades um quadro com a previsão das horas de voluntariado que se prevêem que venha a ser efectuados durante o próximo ano e que tem por base o que tem acontecido nos anos anteriores. Estão previstas um total de 9.000 horas para apoio às actividades e manutenção da Casa por grupos de voluntários. Após a apresentação do Plano e Orçamento, ambos aprovados por unanimidade, o Presidente do Conselho de Fundadores, José Oliveira Guia salientou a qualidade dos documentos apresentados e propôs um voto de louvor ao Conselho de Administração que foi aprovado.

Luís Nunes

Encontro de Amigos da Casa do Oeste DE VOLTA A CASA 18 a 20 de Janeiro 2019

Vai ocorrer já em Janeiro de 18 a 20 Janeiro um fim-de-semana em jeito de convívio, reencontro e reflexão... Num formato aberto a todas as idades, é a resposta ao anseio de alguns antigos membros da JARC, simpatizantes, e quem passou pela casa e desejava voltar...

O Conselho de Administração da Casa, associaram-se ao o desafio do Rui Romão e da Ana Lino e em conjunto tem vindo a preparar este (re)encontro desejado por muitos que tem saudades da Casa

do Oeste e do seu Espírito de amizade e convívio fraterno.

No Facebook "de volta a Casa" congregaram-se já varias dezenas e no encontro podem participar amigos, família, e até filhos pois iremos procurar encontrar um programa para eles.

E vamos ter tudo... serão, oração, reflexão, partilha, convívio, passeio, conversas formais e informais... vamos ter sobretudo a hipótese de estar, ser e voltar a esta Casa que será sempre nossa!

O importante é reservar para sabermos quantos seremos por

isso há uma ficha que podem solicitar na Casa do Oeste.

Começará na sexta à noite com jantar partilhado e terminará no domingo ao almoço, mas o desafio é que cada venha e participe na medida do seu tempo, já que haverá várias possibilidades de presença (no todo ou em parte do fim de semana), sozinho ou com a família.

Inscreve-te! A Casa faz-se da tua presença!

Qualquer dúvida podes ligar 914 578 047.

David Gamboa

Jantar de Natal na Casa do Oeste

No dia 8 de Dezembro amigos e colaboradores da Casa do Oeste reuniram-se à volta da mesa (das mesas) para partilhar novidades das suas vidas...celebrar a amizade, lembrar que o Natal estava próximo... época tão propícia a festejar a Vida...

A refeição foi rolando da sopa à sobremesa, as conversas animadas à roda de cada mesa. São amigos que se encontram, familiares que se reúnem... uma família veio também festejar o primeiro aniversário do Baptizado que celebrara ali na Casa... muitas famílias reunidas afinal numa só família, que é afinal a família dos amigos desta Casa - sonhada por alguns, feita por muitos para servir a todos.

Porque nem só de pão vive o homem... o serão teve palavras cantadas e declamadas... foi o tempo do canto e da poesia. A Maria João Batalha recordou-nos alguns belos textos de poetas portugueses alusivos ao Natal, a jovem Verónica Alexandre tornou

mais doce este "Jantar/Concerto" com as canções e fados com que nos presenteou.

Presentes também os houve: foram entregues pela "Direcção da Fundação" algumas lembranças aos trabalhadores da Casa do Oeste agradecendo o seu empenho e dedicação.

Não faltaram decorações natalícias, simples mas belas (fruto da dedicação do Grupo dos Voluntários) para dar mais cor e brilho a este jantar natalício.

Nesta noite de festa, nesta Casa que é tão nossa, reinou o calor humano de todos os que vieram.

*"Natal é em Dezembro
mas em Maio pode ser
Natal é em Setembro
é quando um homem quiser
Natal é quando nasce
uma vida a amanhecer
Natal é sempre o fruto
que há no ventre da mulher"*

Ary dos Santos

Que o Amor que Jesus nos ensina, prevaleça em cada um em cada dia deste ano 2019!

Dina Franco Silva

Direitos Reservados



«Um outro olhar»

UNIVERSALIZAR A SALVAÇÃO

Para que «todos os homens se salvem», no céu e na terra («Ad Gentes, n.º 7; cf. o artigo anterior), o nosso contributo pode traduzir-se, nomeadamente, em três conjuntos de atividades: (a) Missionaçãõ tradicional; (b) Reconhecimento das «sementes do Verbo», portanto de salvação, existentes em todas as civilizações, culturas e em cada pessoa; esta tese do filósofo cristão S. Justino, século II, está sumariada em «Diálogo Profético (...)», do P. J. Antunes da Silva, edição dos Missionários do Verbo Divino, 2014, pp. 130-131); (c) «Reta edificação deste mundo (...)» («Gaudium e Spes» - GS - n.º 21; cf. também GS, 38-40, e «Populorum Progressio», de Paulo VI, 14-21).

A **missionaçãõ tradicional** realiza-se por missionários, membros do clero ou não, em povos não cristãos, procurando suscitar a adesãõ a Cristo e ao seu Evangelho. Nalguns casos, não se conseguiu evitar o choque de culturas e de civilizações, mais ou menos associado ao fenómeno colonial. Mas também não faltam exemplos de respeito da açãõ missionária por culturas e civilizações diferentes do cristianismo. Depois de Concílio Vaticano II, particularmente com impulso dado pelo Decreto «Ad Gentes» - Sobre a Atividade Missionária da Igreja, esta orientação tornou-se mais corrente e consistente.

A **segunda via de universalizaçãõ da salvaçãõ** - reconhecimento das «sementes do Verbo» - implica,

em especial, a prática do relacionamento e do diálogo baseados no respeito mútuo, na procura da verdade em cada situação, cada pessoa e cada civilizaçãõ ou cultura. Daí poderãõ resultar conversões, ou não, no sentido corrente; mas, em qualquer caso, vive-se nela o mistério salvífico. Note-se que atualmente existem inúmeras pessoas cristãs que, por razões diversas, se afastaram da respetiva prática e, nalguns casos, da própria fé. Por esse motivo, o diálogo salvífico e plural torna-se necessário até no interior das próprias comunidades e movimentos cristãos. (Continua)



Acácio F. Catarino